



A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS FALADO EM CACHOEIRINHA – PE

Soanny Vanielice Pereira Torres Izidoro (UPE/GEADLin)¹
soannyt@gmail.com

Crisna Pollianna Ferro Rosa (UPE/GEADLin)²
pollianna_gt@hotmail.com

Itala Lisandra de Oliveira Lima (UPE/GEADLin)³
italalisandra2015@gmail.com

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE/GEADLin)⁴
fernando.oliveira@upe.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a variação da Concordância Verbal (CV) através de uma pesquisa de campo realizada na comunidade de fala cachoeirinhense. Este estudo está fundamentado na proposta teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) que considera e estuda a heterogeneidade da língua dentro da comunidade de fala. O *corpus* pesquisa foi constituído por 36 informantes, entrevistados de maneira informal, a fim de se aproximar de uma conversa espontânea, evitando o monitoramento da fala por parte dos informantes. Utilizamos o Goldvarb X (2005) para a rodada de dados; esse programa computacional apresenta os resultados em termos percentuais e em peso relativo, apontando se as variáveis escolhidas são estatisticamente significativas ou não para a ocorrência da variante em estudo. As variáveis sociais selecionadas para este trabalho foram o sexo, a escolaridade e a faixa etária; e para as variáveis linguísticas, o paralelismo formal e a saliência fônica. Das variáveis mencionadas, apenas a variável sexo foi descartada pelo programa por não ser estatisticamente significativa para a ocorrência da marcação da CV. Constatamos que há fatores linguísticos e sociais que influenciam na ocorrência do fenômeno linguístico em estudo. Esperamos, portanto, que o nosso trabalho proporcione uma melhor compreensão acerca da variação da CV, que contribua para a sua sistematização na comunidade de fala cachoeirinhense e que amplie o escopo de pesquisa do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (CNPq/UPE).

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Comunidade de fala; Concordância Verbal.

¹ Graduada em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas – pela Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Garanhuns/ Integrante do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin). Email: soannyt@gmail.com.

² Graduada em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas – pela Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Garanhuns/ Integrante do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin). Email: pollianna_gt@hotmail.com.

³ Graduada em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas – pela Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Garanhuns/ Integrante do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin). Email: italalisandra2015@gmail.com

⁴ Professor Doutor do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas – da Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Garanhuns/ Coordenador do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin). Email: fernando.oliveira@upe.br.



ABSTRACT: This article aims to analyze the variation of Verbal Concordance (CV) through a field research carried out in the cachoeirinhense speech community. This study is based on the theoretical-methodological proposal of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) that considers the heterogeneity of language and studies it within the speech community. The corpus of this research was constituted by 36 informants, who were interviewed informally, in order to get closer to a spontaneous conversation, avoiding the informants' speech monitoring. As it is a quantitative analysis, Goldvarb X (2005) was used for the data round; This computer program presents the results in percentage terms and relative weight, indicating whether the chosen variables are statistically significant or not for the occurrence of the variant under study. The social variables selected for this study were gender, education and age group; and for linguistic variables, formal parallelism and phonic salience. Of the mentioned variables, only the gender variable was discarded by the program because it was not statistically significant for the occurrence of CV marking. Thus, we found that there are linguistic and social factors that influence the occurrence of the linguistic phenomenon under study. We hope, therefore, that our work provides a better understanding of the variation of verbal agreement, contributes to its systematization in the cachoeirinhense speech community and broadens the research scope of the Study Group on Analysis and Linguistic Description (CNPq / UPE).

KEYWORDS: Linguistic variation; Speech community; Verbal agreement.

1 INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista busca compreender de que modo se dá a relação entre a variação e os fatores sociais dentro de uma comunidade de fala. A Teoria da Variação Linguística (LABOV (2008 [1972])) está fundamentada num modelo teórico capaz de analisar a língua a partir de formas que, anteriormente, eram desprezadas, como a heterogeneidade da língua e a sua sistematização com base na influência de fatores externos e internos à língua.

A variação e a mudança linguísticas são, portanto, consideradas como sendo o foco desse ramo da Linguística. Dessa forma, o objetivo deste artigo é descrever o modo como se dá a Concordância Verbal (CV) no português falado em Cachoeirinha, situada no interior de Pernambuco. As ocorrências desse fenômeno consistem na ausência de marcas da CV e na presença de marcas da CV, conforme as sentenças⁵ abaixo:

(1) **Meus pais** também tinha que trabalhá. (MJAS. L3. 166 e 67. p. 13)

(2) **Nós** reavivamos bem na memória. (JSM. L37. 156. p. 188)

⁵Para melhor identificação dos elementos, destacamos o sujeito em negrito e os verbos sublinhados.

Os trechos retirados do *corpus* demonstram ocorrências da CV. Em (1), o verbo *ter* não apresenta marcas de concordância com o sujeito *meus pais* (equivalente à 3ª pessoa do plural – eles). No exemplo (2), o sujeito apresenta a marcação da CV, uma vez que o verbo *reavivar* está em concordância com o sujeito *nós* (equivalente à 3ª pessoa do plural).

O *corpus* da nossa pesquisa foi constituído por 36 informantes selecionados a partir dos seguintes critérios: sexo, escolaridade e faixa etária, sendo essas as variáveis sociais. As variáveis linguísticas escolhidas foram paralelismo formal e saliência fônica.

Após as entrevistas, foram feitas as transcrições e, posteriormente, a codificação; em seguida, os dados foram submetidos ao programa computacional Goldvarb X (2005) que opera calculando o número de ocorrências e indicando quais variáveis se mostraram estatisticamente significativas (por ordem de relevância) para a ocorrência da variante e quais se mostraram estatisticamente não significativas.

A importância desta pesquisa para os estudos linguísticos consiste numa melhor compreensão acerca da heterogeneidade da língua, assim como proporciona a ampliação dos trabalhos desenvolvidos na CF em questão – em especial, ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística – GEADLin (CNPq/UPE), tornando possível a sistematização da variante. Convém ressaltar que há poucos estudos realizados na comunidade de fala cachoeirinhense, sendo, portanto, inovadora a descrição da CV no português falado nessa CF.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: **seção 2 – fundamentação teórica**: apresentamos o pressuposto teórico no qual esta pesquisa está fundamentada. Estruturamos a seção de modo que se perceba o trajeto percorrido para que a língua fosse considerada através do seu contexto social, bem como mencionamos os acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento da sociolinguística.

Na **seção 3 – o fenômeno em estudo**: nessa parte do trabalho discorreremos sobre o fenômeno em estudo: a concordância verbal. Para tanto, discutimos a CV a partir da visão da Gramática Normativa, indicando algumas definições e exemplificando. A **seção 4 – procedimentos metodológicos**: essa seção abrange a metodologia da pesquisa



sociolinguística, bem como apresenta a constituição do *corpus* e a explicação sobre os grupos de fatores controlados, tanto linguísticos como sociais. Por fim, na **seção 5 – análise e descrição dos dados**: nessa parte, exibimos os dados estatísticos, como também discutimos os resultados obtidos para cada grupo de fatores através do programa computacional Goldvarb X (2005). Convém ressaltar que para a análise da influência das variáveis sob a variante em estudo, consideramos como aplicação da regra a presença de marcas da CV.

Os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva sociolinguística buscam compreender a variação de fenômenos linguísticos, bem como analisar de que modo as variáveis favorecem à ocorrência de determinada variante. Assim, a nossa pesquisa tem como objetivo compreender o perfil sociolinguístico da comunidade de fala cachoeirinhense, como também contribuir para sistematização do português falado em Cachoeirinha – PE e ampliar os estudos já desenvolvidos pelo GEADLin (CNPq/UPE) no Agreste Pernambucano.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Saussure (2005 [1916]), em seu Curso de Linguística Geral (CLG), aponta que houve todo um processo para que se definisse o objeto de estudo da ciência que hoje conhecemos por Linguística. A princípio, havia a *Gramática* – de caráter normativo que estava voltada, apenas para a formulação de regras, as quais definiam se determinada forma era correta ou incorreta.

Em seguida, surgiu uma abordagem filológica, na qual há uma preocupação com a língua escrita, desprezando a língua falada, utilizando-se da linguística somente em contextos de comparação histórica entre textos de diferentes épocas, bem como definir com precisão características próprias da língua de cada autor.

Após, tem-se início uma nova fase denominada de “*Gramática Comparada*”; ela permite que sejam feitos estudos comparativos entre as línguas. Contudo, não havia o



interesse em delimitar o seu objeto de estudo e, assim, compreender a procedência histórica dessas comparações. É somente a partir de 1870 que a Linguística começa a ocupar, verdadeiramente, o seu espaço.

Todavia, é Saussure (2005 [1916]) que dá à Linguística a importância que lhe cabe e estabelece o seu objeto de estudo a fim de sistematizá-lo. De acordo com ele, (p. 13), uma das funções dessa ciência é “delimitar-se e definir-se a si própria”. Os estudos saussurianos passam, então, a discutir a língua: a problemática inicial gira em torno de um objeto que seja concreto.

Percebeu-se, assim, que há uma dualidade na linguagem que, ora tem um caráter individual, ora tem um caráter social; esses dois lados da linguagem são responsáveis pela relação da Linguística com outras ciências, como a Antropologia, a Psicologia e a Gramática normativa, uma vez que há um interesse mútuo entre essas ciências e a Linguística.

Surgiu, então, a necessidade de delimitar um objeto de estudo que, ao contrário da linguagem, se mostrasse autônomo, uma vez que “a língua [...] é um todo por si, um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2005 [1916], p.17).

É, portanto, nesse contexto que Saussure (2005 [1916]) classifica a linguagem como um todo e retira-lhe uma parte: a língua. A linguagem é considerada a partir do seu caráter físico, fisiológico e psíquico, sendo uma “faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (SAUSSURE, 2005 [1916], p.17). Desse modo, a língua possui um caráter sistêmico, ou seja, um falante não pode modificá-la, pois há uma estrutura que é determinada pelos membros da comunidade.

O modelo teórico proposto por Saussure (2005 [1916]) desconsidera as relações existentes entre a língua e o falante, posto que, para o linguista, a língua é um fenômeno social, abstrato e sincrônico, enquanto a fala é de caráter individual. Essa concepção, portanto, ignora a dimensão história da língua, que diz respeito à mudança e à variação.

É nesse sentido que a proposta teórica de William Labov (2008 [1972]) se desenvolve: em oposição ao modelo saussuriano, Labov insere o componente social em seu modelo, defendendo o princípio de que esse componente é intrínseco à língua.

Dessa relação, surge o termo “sociolinguística”, considerado por Labov (2008 [1972], p. 215) como “um termo estranhamente redundante”, posto que se trata de algo inerente à língua. Labov (2008 [1972], p. 215) afirma que “a língua é uma forma de comportamento social [...] Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”.

A variação e a mudança passam a ser consideradas o foco desse ramo da Linguística; ao tratar da variação linguística, Labov (2008 [1972]) parte do pressuposto de que há diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa (variantes), propondo que a variação não se dá de maneira aleatória, mas de forma regrada, a partir de uma espécie de acordo firmado entre os falantes de uma comunidade.

Assim, o objetivo da Sociolinguística Variacionista é compreender de que modo se dá a relação entre a variação e os fatores sociais dentro de uma comunidade de fala. Nesse sentido, é essencial a análise da língua em seu contexto real de fala: os dados são essenciais na pesquisa e é função do pesquisador criar as condições necessárias para que a coleta ocorra de modo que não se interfira nos dados, prezando, assim, pela confiabilidade do material obtido.

Dessa maneira, a Teoria da Variação Linguística está fundamentada num modelo teórico capaz de analisar a língua a partir de formas que, anteriormente, eram desprezadas, como a heterogeneidade da língua e a sua sistematização com base na influência de fatores externos e internos à língua.

Com isso, podemos perceber que “heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua” (LUCCHESI, 2004, p. 171). Estudar a língua em seu contexto social implica considerar as variações sofridas por ela dentro de determinada comunidade de fala (CF); no Brasil, por exemplo, nota-se uma variedade linguística no português falado.

Entende-se por CF um grupo de falantes que partilham dos mesmos preceitos linguísticos, os quais podem atribuir a uma variante estigma ou prestígio. O que difere uma CF de outra são, exatamente, as normas que compartilham entre si.

Labov (2008 [1972], p. 188) afirma que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Sendo assim, o foco da Sociolinguística, difundida por Labov (2008 [1972]), não está no indivíduo, e sim, na comunidade.

Dessa forma, nossa pesquisa tem por objetivo estudar a variação da Concordância Verbal a partir de um *corpus* constituído por informantes que integram a comunidade de fala cachoeirinhense. Nesta pesquisa, a CF caracteriza-se como heterogênea, uma vez que acreditamos que os informantes, integrantes do *corpus* desta pesquisa, façam parte de diversos grupos sociais.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO

A função da gramática é estipular normas que assegurem o uso da língua padrão, seja na modalidade escrita ou oral. Para Neto e Infante (1998, p. 02) é “a Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos linguísticos”.

Nesse sentido, tem-se a Gramática Normativa, responsável por estabelecer um padrão linguístico, definindo o uso “correto” e o “incorreto” da língua. Essa gramática atua, principalmente, no ensino da Língua Portuguesa nas escolas; as normas são impostas aos alunos de modo sistemático sem se considerar a variação linguística.

A Gramática Normativa parte do princípio de que línguas que possuem a modalidade escrita (como é o caso do português) e não dependem apenas da transmissão oral acerca do conhecimento da língua, devem ser padronizadas para que se tenha um registro cultural. De acordo com Neto e Infante (1998, p. 17), “conhecer a



norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a [...] produção cultural e à linguagem oficial”.

No que se refere à concordância verbal, há apenas duas formas de se considerar o seu uso: a primeira diz respeito à marcação da concordância e, conseqüentemente, a maneira “correta” de utilizá-la; a segunda está associada ao uso “incorreto” da língua realizado pela não marcação da concordância.

Perini (2005, p. 180) classifica a concordância como a “exigência de harmonização de flexões entre os diversos constituintes de uma construção”. Assim, a concordância verbal seria, para ele, “um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações” (Op. cit., 2005, p. 188).

A concordância verbal na língua portuguesa se caracteriza pela flexão verbal em relação ao sujeito. Cunha e Cintra (200, p. 510) definem esse fenômeno como sendo “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”.

Neto e Infante (1998, p. 115) acrescentam que “conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra. O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório”.

De acordo com essa definição algumas das possíveis realizações da CV são:

- i. **Tu és** querida⁶.
- ii. **Nós fomos** embora cedo.
- iii. **Elas perderam** o ônibus.

Em (i), temos o verbo *ser* no presente do indicativo apresentando marca da CV com o sujeito *tu (és)*, correspondente à 2ª pessoa do singular. No exemplo (ii), o verbo *ir*; no tempo pretérito perfeito do indicativo, possui marcas de concordância em relação ao sujeito *nós (fomos)*, equivalente à 3ª pessoa do plural. Na última frase (iii), o verbo

⁶Os exemplos (i), (ii), (iii), (iv), (v) e (vi) foram elaborados pela autora.

perder, no pretérito perfeito do indicativo, tem uma relação de concordância com o sujeito *elas* (*perderam*), representando a 3ª pessoa do plural.

As frases mencionadas anteriormente configuram a norma-padrão da língua, que também é considerada a “correta”. As frases apresentadas a seguir estabelecem uma oposição entre as frases anteriores, sendo (i) – (iv), (ii) – (v) e (iii) – (vi):

- iv. **Tu** é querida.
- v. **Nós** foi embora cedo.
- vi. **Elas** perdeu o ônibus.

Nesses exemplos, não há marcas de concordância entre os verbos (*ser*, *ir* e *perder*) e os sujeitos (*tu*, *nós* e *elas*). Para a GT, a não marcação da concordância caracteriza a maneira “errada” de se usar a língua.

Para o sujeito, utilizamos o destaque em negrito; enquanto os verbos encontram-se sublinhados. Retiramos do *corpus* algumas frases que não apresentam a marcação da CV:

(3) [...] pelo fato **do avô, da avó e a tia** sempre dá sim a ele. (MJAS. L3. 147 e 48. p. 12).

(4) [...] por que **tu** num pede pra **nóis** brincá? (VJJSF. L6. 1106 e 107. p. 27).

(5) **Tu** faz e tira a foto e depois **tu** tira pra vê se realmente tá certo. (MMSS. L4. 1120 e 121. p. 119).

Na frase (3), o verbo *dar* não apresenta marca de concordância com os sujeitos *avó* e *tia* que constituem a 3ª pessoa do plural (*elas*). No exemplo (4) há dois verbos: *pedir* e *brincar*. O primeiro verbo está associado ao sujeito *tu*, enquanto o segundo refere-se ao sujeito *nóis*; ambos não realizam a marcação da CV. O exemplo (5) traz três verbos: *fazer*, *tirar* e *ver*; eles fazem referência ao sujeito *tu*, mas não há uma relação de concordância.



Bechara (2009, p. 442) diz que “é preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”.

Ao observarmos a abordagem da CV na Gramática Normativa, percebemos que a regra na Língua Portuguesa consiste na concordância entre o sujeito e o verbo. A maneira como a língua é tratada pelas gramáticas tradicionais resulta no processo de exclusão de variedades linguísticas, configurando estigma ou prestígio a determinadas formas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A mudança e a variação linguísticas associadas ao contexto social de uma comunidade de fala é o objeto de estudo da sociolinguística. Surgiu-se, então, a necessidade de sistematizar a língua, uma vez que a variabilidade linguística não ocorre de modo eventual, mas de forma padronizada, regulada.

De acordo com Tarallo (1990, p.7), “o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”. Esse novo método desenvolvido por viabilizou a análise quantitativa da variabilidade linguística, tornando possível a investigação de diferentes fenômenos variáveis pertencentes aos mais variados níveis linguísticos.

Nessa perspectiva, as análises realizadas nessa linha de pesquisa fornecem ao pesquisador, através de cálculos probabilísticos envolvendo os fenômenos em questão e fatores específicos, os dados necessários para se compreender a influência que um fator exerce sob determinada ocorrência. Todavia, há um caminho a ser percorrido para se chegar a tais resultados.

O ponto de partida é a coleta de dados. Nesse sentido, as amostras de fala devem ser significantes e confiáveis. Para tanto, é selecionada certa quantidade de informantes a partir de critérios estipulados pelo pesquisador para que possam ser entrevistados. Em

relação à quantidade de dados a serem obtidos, Guy e Zilles (2007) dizem que “em estudos quantitativos, mais é quase sempre melhor”. Sendo assim, o ideal é que o pesquisador colete quantos dados lhes forem possíveis.

As entrevistas são realizadas com a utilização de um gravador; Labov (2008 [1972], p. 223) diz que “gravações de fala observada em uso real são quase sempre de qualidade muito deficiente [...] Se o informante for levado para ser gravado sob condições ideais, sua fala terá as propriedades da fala normal, direcionada, que tentamos evitar”. Portanto, é fundamental atentar para o manuseio dessa ferramenta, visto que atua diretamente na confiabilidade do *corpus*.

A função do pesquisador nessa etapa é criar as condições necessárias para que a conversa ocorra do modo mais espontâneo possível. Mollica e Braga (2004, p.125), sobre as entrevistas, dizem que:

Essa entrevista, longe de ser um questionário, deve-se constituir de uma conversa, a mais informal possível, apesar das circunstâncias adversas, posto que o que se quer é a fala casual, habitual, dos falantes. Coloca-se aqui o fundamental *paradoxo do observador* de Labov (1975), importante de ser mencionado, cem vezes se for preciso: “queremos observar a fala do falante quando ele não é observado”. Isso significa:

- 1) que o falante deve falar;
- 2) que ele não deve se sentir observado, sob pena de não falar naturalmente.

Acerca do conteúdo das perguntas a serem realizadas na entrevista, Labov (2008 [1972, p. 245) recomenda “[...] envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos”. Assim, será possível obter falas autênticas, sem monitoramento.

Estudos sociolinguísticos de caráter quantitativo têm sido bastante úteis tanto na sistematização da língua quanto na percepção de fatores internos e externos à língua que são significativos para a ocorrência de determinada variante linguística.

4.1 O *corpus* da pesquisa

Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram obtidos através de entrevistas (registradas em gravações e sob posse da pesquisadora) realizadas com 36 cachoeirinhenses, com duração média de 15 a 20 minutos cada, contabilizando um total aproximado de 10 horas. Os critérios para seleção dos informantes estão descritos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Critérios para seleção dos informantes

Sexo	Homens (18 informantes)		Mulheres (18 informantes)
Faixa etária	Jovens – 15 a 25 anos (12 informantes)	Adultos – 30 a 45 anos (12 informantes)	Idosos – 50 a 65 anos (12 informantes)
Grau de escolaridade	Ensino médio (18 informantes)		Ensino superior (18 informantes)

FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Além desses, os informantes tinham que ser naturais daquela comunidade (Cachoeirinha – PE) e/ou residir há mais de dez anos e não ter passado um período maior do que um ano fora dela. Convém ressaltar que, embora já tivesse ocorrido algum tipo de contato entre os informantes e a pesquisadora, nenhum deles possui qualquer tipo de vínculo e/ou parentesco direto.

Na perspectiva sociolinguística, a língua é estudada em circunstâncias naturais e autênticas. Por este motivo, apesar das entrevistas serem gravadas, o diálogo entre o entrevistador e o informante deve se aproximar ao máximo de uma conversa informal, ou seja, o entrevistador tem que criar as condições necessárias para que a fala a ser observada chegue o mais próximo possível do vernáculo⁷.

⁷Refere-se ao não monitoramento da fala por parte do falante.

Nesse sentido, com base nos princípios da Sociolinguística Quantitativa, as gravações obtidas possuem conversas descontraídas e distantes de um tom formal, nas quais o conteúdo acaba por envolver emocionalmente o entrevistado, além de deixá-lo à vontade para expressar suas ideias e opiniões com o intuito de desviar o monitoramento da fala por parte do informante. Para tal, elaboramos um guia de perguntas que tornou possível a realização das entrevistas atendendo aos fatores mencionados anteriormente:

Quadro 1 – Guia de perguntas utilizado para constituição do *corpus*

1.	Qual a melhor lembrança que você tem da sua infância?
2.	Você tinha muitos amigos? O que costumavam fazer?
3.	O que você fazia nas suas férias?
4.	Você ainda possui contato com os seus amigos da infância? Como é esse contato?
5.	O que você acha que mais mudou da sua infância até os dias de hoje?
6.	O que você percebe sobre as crianças e os pais da geração atual?
7.	Qual o seu posicionamento sobre o uso dos meios digitais, principalmente, a internet, pela criança?

FONTE: Elaborado pela pesquisadora.

Após a coleta dos dados de fala, deu-se início às transcrições das 36 entrevistas (a partir do áudio digital) para que em seguida fosse realizado o levantamento e tratamento dos dados, de acordo com Labov (2008 [1972]).

Para tanto, houve a codificação para que os dados pudessem ser inseridos no programa computacional Goldvarb X – utilizado para analisar dados de variações sociolinguísticas; esse programa auxilia o pesquisador a identificar a quantidade de ocorrências de uma variante correlacionando-a a atuação de grupos de fatores para que, posteriormente, encontre-se, percentual e estatisticamente, a relevância ou não de cada grupo.

Trata-se, portanto, de um meio essencial para esse tipo de pesquisa, pois através dele é possível categorizar a significância de grupos de fatores controlados para seleção das variantes linguísticas que estão sendo analisadas.

4.2 Grupo de fatores controlados

Mediante à metodologia proposta pela Sociolinguística Quantitativa, utilizamos variáveis linguísticas: paralelismo formal (ocorrência idêntica à anterior, ocorrência diferente da anterior e ocorrência isolada) e saliência fônica (verbo ser; verbos ter e ir; verbos de primeira conjugação; verbos com oposição /r/ vs /z/; verbos de segunda e terceira conjugações). As variáveis não linguísticas são: sexo (homem e mulher), faixa etária (jovem – 15 a 25 anos; adulto – 30 a 45 anos; idoso – 50 a 65 anos) e grau de escolaridade (ensino médio e ensino superior).

Dentro da Sociolinguística, a língua faz parte de um sistema heterogêneo e diverso, o qual passa por muitas mudanças ao longo do tempo. Nesse sentido, Tarallo (1990, p. 6) afirma que “[...] é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada”. Sendo assim, os estudos sociolinguísticos adotam esse “caos” linguístico como seu objeto de estudo.

Para sistematizar essa variação da língua, faz-se necessário compreender a contribuição das variáveis que podem ser consideradas linguísticas (encontram-se internas à língua) e não linguísticas (são externas ao sistema linguístico).

As variáveis sociais ou não linguísticas correspondem a fatores que influenciam diretamente no favorecimento ou não de determinada variante, como por exemplo: nível elevado de escolarização, estar inserido numa classe social alta, além de se relacionar a exclusão (variação estigmatizada) ou inclusão (variação de prestígio). Em nossa pesquisa, optamos por três variáveis sociais, sendo elas: sexo, faixa etária e escolaridade.



De acordo com Tarallo (1990, p.6), “a um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Em nossa pesquisa, consideramos a variável dependente⁸ (a marcação ou não marcação da concordância verbal).

No que concerne à variável linguística, optamos pelo paralelismo formal (ocorrência idêntica à anterior, ocorrência diferente da anterior e ocorrência isolada) e pela saliência fônica (verbo ser; verbo ter e ir; verbos de primeira conjugação, verbos com oposição /r/ vs /z/; verbos de segunda e terceira conjugações).

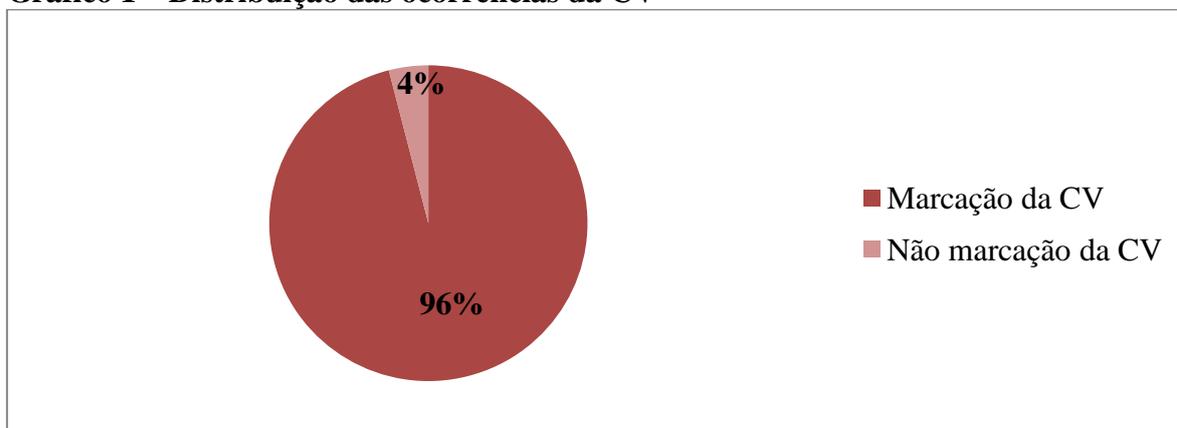
5 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados está organizada em tópicos constituídos por gráficos e tabelas para melhor explanação e compreensão dos resultados. Vale ressaltar que, para análise dos termos percentuais e dos pesos relativos, optamos pela marcação da concordância verbal como aplicação da regra.

A partir dos resultados obtidos, no total, foram encontradas 6.626 ocorrências, sendo 6.357 ocorrências para a marcação da CV (equivalentes a 95,9%) contra 269 ocorrências para a não marcação da CV (equivalentes a 4,1%), como podemos observar no gráfico a seguir:

⁸Diz-se que uma variável é dependente quando ela é determinada pelo falante, enquanto a variável independente por ser considerada uma particularidade do falante.

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências da CV



FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Dessa forma, podemos perceber que, no português falado em Cachoeirinha, a marcação da CV excede, consideravelmente, a não marcação da CV.

5.1 Grupo de fatores considerados estatisticamente significativos

Dos cinco grupos de fatores escolhidos para esta pesquisa, apenas um foi considerado não significativo: o *sexo* (homem/mulher). A variável *escolaridade* foi considerada a mais significativa para o estudo da variação da concordância quando adotamos a marcação da CV como aplicação da regra.

O quadro abaixo mostra os grupos de fatores selecionados pelo Goldvarb X (2005) por ordem de significância, sendo do mais estatisticamente significativo para o menos estatisticamente significativo, representados pelo input 0.964.

Quadro 2 – Ordem dos grupos de fatores considerados estatisticamente significativos para o fenômeno em estudo

1.	Escolaridade <ul style="list-style-type: none">• Médio;• Superior.
2.	Faixa etária <ul style="list-style-type: none">• 15 a 25 anos;• 30 a 45 anos;• 50 a 65 anos.
3.	Paralelismo formal <ul style="list-style-type: none">• Ocorrência idêntica à anterior;• Ocorrência diferente da anterior;• Ocorrência isolada.
4.	Saliência fônica <ul style="list-style-type: none">• Verbo ser;• Verbos ter e ir;• Verbos de 1ª conjugação;• Verbos com oposição /r/ vs. /z/;• Verbos de 2ª e 3ª conjugações.

FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Os subtópicos a seguir trazem a discussão acerca de cada grupo de fatores considerados estatisticamente significativos, assim como as diferenças e/ou semelhanças com resultados obtidos através de outros estudos, pois, como apontam Guy e Zilles (2005, p. 182), “[...] temos outros objetivos na análise: testar hipóteses, comparar os resultados desse estudo com resultados de outros estudos, [...] investigar estruturas linguísticas e processos sociais”.

Desse modo, a análise e a descrição de dados estão organizadas a partir da ordem estatística de significância dos grupos de fatores indicados pelo Goldvarb X (2005).

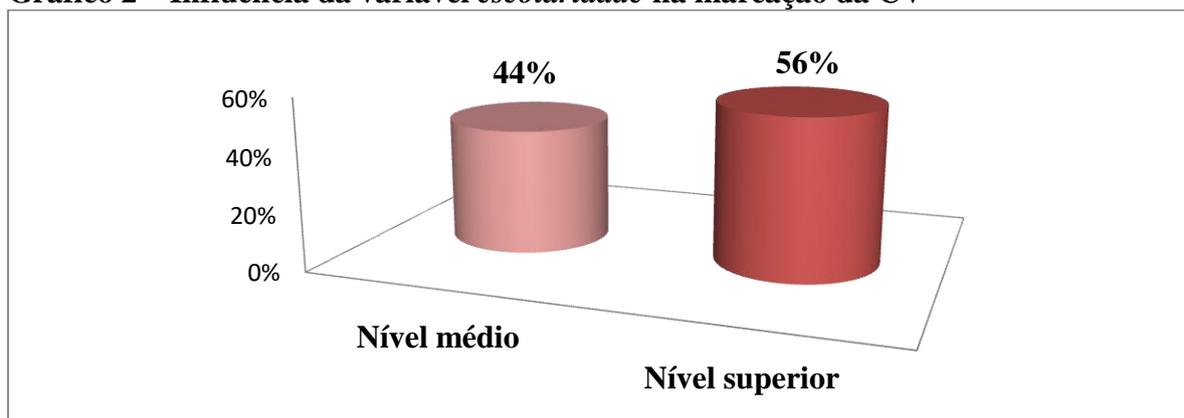
5.1.1 A influência da variável *escolaridade* na marcação da CV

Sabemos que a escola desempenha um papel importantíssimo na aquisição do conhecimento linguístico de um indivíduo, sendo uma das principais responsáveis pelo uso de formas prestigiadas em razão da sua abordagem de caráter normativo.

Por esse motivo, a variável *escolaridade* é bastante utilizada em estudos sociolinguísticos, a fim de que seja compreendido de que modo ela se relaciona com determinados fatores linguísticos.

Os resultados apontam essa variável como a mais estatisticamente significativa para o fenômeno em questão, corroborando nossa hipótese inicial de que quanto maior o grau de escolaridade de um falante, maior será a ocorrência da marcação da CV:

Gráfico 2 – Influência da variável *escolaridade* na marcação da CV



FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Conforme os resultados representados no gráfico acima, obtivemos um percentual de 56% para a marcação da CV por informantes com o ensino superior, ao passo que informantes com o ensino médio contabilizaram 44% de ocorrências da marcação da CV.

Em consonância com os nossos resultados, podemos encontrar outros estudos sociolinguísticos voltados para variação da CV, como os trabalhos de Rodrigues (1997), Teixeira (2015), Araújo (2014), Silva (2015), que também demonstraram a influência desse grupo de fatores e como o grau de escolaridade de um falante está diretamente ligado às suas escolhas linguísticas – nesse caso, a marcação da concordância verbal.

Os números apresentados na tabela abaixo representam os pesos relativos atribuídos a cada nível de escolarização:

Tabela 2 - Influência da variável *escolaridade* na marcação da CV

ESCOLARIDADE	Marcação da CV		
	Aplic./Total	%	PR
Médio	2775 / 2898	44%	.44
Superior	3602 / 3728	56%	.54

FONTE: elaborada pela pesquisadora.

Conforme os resultados, para informantes com o nível médio foi contabilizado, em peso relativo, (.44) contra (.54) para informantes com nível superior, sendo este último favorecedor na marcação da CV.

Santos (2015, p. 93), a esse respeito, afirma que “a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos”.

Desse modo, a partir dos resultados, podemos concluir que a escolaridade favorece o uso de formas prestigiadas; e que quanto maior o grau de escolaridade de um falante, maior será também o seu monitoramento em relação à fala.

5.1.2 A influência da variável *faixa etária* na marcação da CV

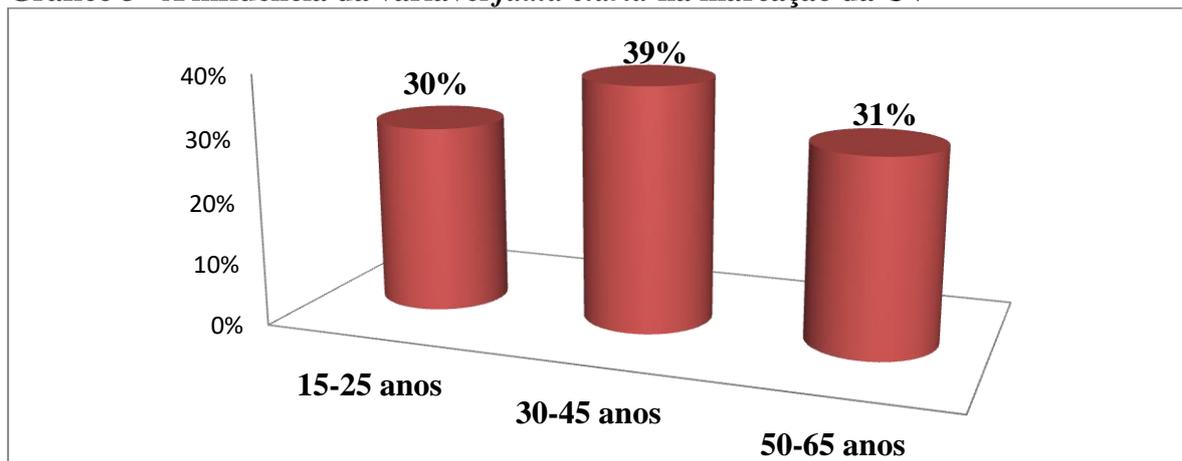
A segunda variável considerada como estatisticamente significativa foi a faixa etária do informante; esse grupo foi ramificado em três fatores, sendo eles: I – informantes com idade entre 15 e 25 anos; II – informantes com idade entre 30 e 45 anos; e III – informantes com idade entre 50 e 65 anos.

Supomos, inicialmente, que falantes inseridos nas duas últimas faixas etárias (II e III) favoreceriam a marcação da CV. Em contrapartida, informantes inseridos na faixa etária inicial (I) contribuiriam para ocorrência da não marcação da CV, posto que tendem a assumir uma postura coloquial em situações comunicacionais.

A estratificação desse grupo é bastante comum em pesquisas sociolinguísticas, justamente por possibilitar uma melhor compreensão sobre como cada fator atua em determinados fenômenos linguísticos. Podemos observar a utilização desses recursos por alguns pesquisadores, como Almeida (2006), Oliveira (2010), Santos (2013).

O gráfico 3 representa os resultados obtidos através do programa computacional:

Gráfico 3 - A influência da variável *faixa etária* na marcação da CV



FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Observamos que para os grupos de informantes (I), (II), e (III) obteve-se, respectivamente, os percentuais de 30%, 39% e 31%. Para melhor análise e discussão sobre o resultado desse grupo de fatores, faz-se necessário, também, considerar o seu peso relativo:

Tabela 3 - Influência da variável *faixa etária* na marcação da CV

Faixa etária	Marcação da CV		
	Aplic./Total	%	PR
15-25 anos	1908 / 1973	30%	.54
30-45 anos	2524 / 2620	39%	.51
50-65 anos	1925 / 2033	31%	.43

FONTE: elaborada pela pesquisadora.

O resultado ilustrado na tabela acima nos permite fazer algumas ponderações sobre a relevância desse grupo de fatores sob o fenômeno em questão: informantes inseridos na faixa inicial (I) tendem a marcar com mais frequência a CV, sendo, em peso relativo, (.54); informantes na faixa intermediária (II) marcam a CV com mais constância – com peso relativo de (.51) – do que os informantes inseridos na última faixa – com peso relativo de (.43).

Há, portanto, uma divergência entre a hipótese inicial (acreditávamos que informantes pertencentes às duas últimas faixas etárias seriam mais conservadores e, conseqüentemente, marcariam com maior frequência a CV, ao passo que informantes na faixa inicial monitorariam menos a sua fala) e os resultados gerados pelo Goldvarb X (2005).

Sobre a faixa etária, Freitag (2005, p. 106) diz que “é uma variável extremamente complexa, pois à ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização”.

Nesse sentido, umas das possíveis explicações para maior ocorrência da marcação da CV por jovens consiste na sua inserção no ambiente escolar: é um espaço no qual há uma cobrança e exige-se um monitoramento voltado para adequação de sua fala; ao passo que informantes dos dois últimos grupos, apesar de se encontrarem inseridos no mercado de trabalho, já estão estabilizados e atentam um pouco menos para monitoração da fala.

5.1.3 A influência da variável *paralelismo formal* na marcação da CV

O *paralelismo formal* foi apontado como o terceiro grupo mais significativo no estudo da variação da CV. Essa variável vem sendo bastante relevante em pesquisas que adotam o fenômeno da Concordância Verbal, como Loregian (1996), Pereira (2004), Monte (2007), Faria (2008).

Para observação da influência desse grupo, optamos por dividi-lo em três fatores, sendo:

a) Ocorrência idêntica à anterior:

Trata-se da ocorrência de verbos em cadeia, na qual os verbos posteriores estão condicionados à forma do verbo inicial:

(21) Aí acenderam as luzes e disseram: surpresa! Fizeram um aniversário e tal, bem bonitinho. (ABAS. L2. 141. p. 3).

(22) O que **eles** escuta, o que **eles** faz, intão tem que está muito, muito atento mermo. (MJAS. L3. L152 e 153. p. 15).

No exemplo (21) nota-se uma sequência de verbos (acenderam, disseram, fizeram) que seguem a forma do verbo inicial (acender), apresentando a marcação da concordância; enquanto o exemplo (22) apresenta verbos em cadeia (escuta, faz) que não marcam a CV.

b) Ocorrência diferente da anterior:

Nesse fator também são encontrados verbos em cadeia, porém os verbos seguintes não seguem a mesma forma do verbo inicial:

(23) [...] É por isso que até hoje **elas** veem o que pode tê. (MSMSF. L14. L117. p. 67).

Nota-se que o verbo *pode* ocorre de maneira diferente do verbo *veem*. O verbo inicial (veem) apresenta a marcação da CV; ao passo que o verbo *pode* não traz essa marcação.

c) Ocorrência isolada:

Esse último grupo representa os verbos que, ao contrário dos dois grupos anteriores, não estão em sequência, e sim, isolados, ou seja, aparecem desacompanhados de outros verbos:

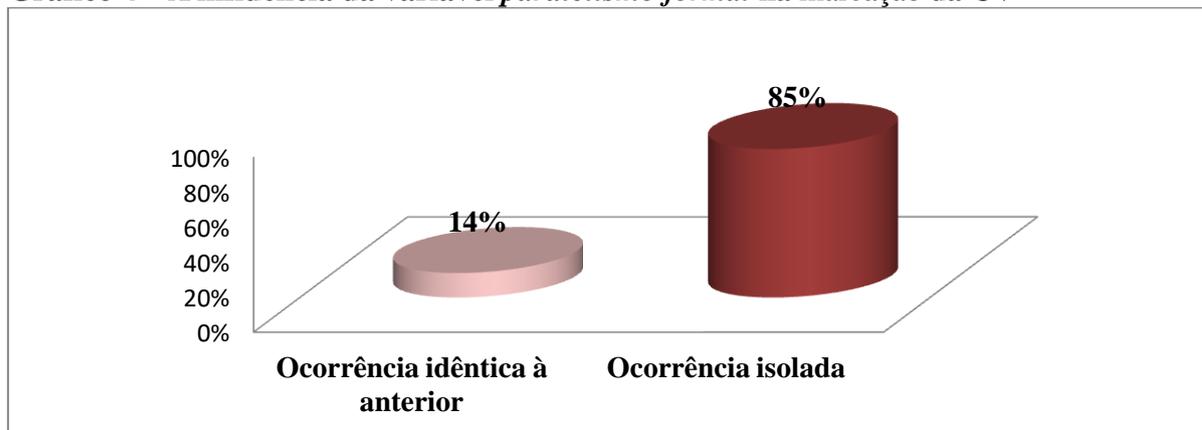
(24) [...] **Eu e os mininu, a gente pulava** mermo na enchente: vulp! (EPRN. L31. L95. p. 157).

(25) [...] **As crianças** de hoje **elas** não sabe ser crianças. (MJAS. L3. 133. p. 12).

Os dois exemplos anteriores demonstram dois verbos (pulava/sabe) que estão isolados, sendo o exemplo (24) da marcação da CV e o exemplo (25) da não marcação da CV.

O gráfico a seguir apresenta os resultados percentuais dessa variável:

Gráfico 4 – A influência da variável *paralelismo formal* na marcação da CV



FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Para ocorrência idêntica à anterior, obtivemos o percentual de 14%; para ocorrência diferente da anterior, 1%; para ocorrência isolada, obtivemos o percentual de 85%. Assim, a ocorrência isolada, percentualmente, favorece significativamente à marcação da CV.

Todavia, de acordo com o peso relativo, há alguns fatores que atuam de modo mais significante para a ocorrência do fenômeno, conforme aponta a tabela a seguir:

Tabela 4 - Influência da variável *paralelismo formal* na marcação da CV

PARALELISMO FORMAL	Marcação da CV		
	Aplic./Total	%	PR
Ocorrência diferente da anterior	7 / 12	1%	.04
Ocorrência idêntica à anterior	925 / 955	14%	.55
Ocorrência isolada	5425 / 5659	85%	.49

FONTE: elaborada pela pesquisadora.

Assim, os resultados tornam possível a compreensão da significância da ocorrência idêntica à anterior (.55), enquanto a ocorrência isolada (.49) e a ocorrência diferente da anterior (.04) mostram-se irrelevantes.

Em conformidade com o resultado desse estudo, Loregian (1996, p. 48), de acordo com os resultados da sua pesquisa, conclui que “verbos precedidos de verbos marcados tendem a ser muito mais marcados do que os verbos precedidos de verbos não marcados”.

Em sua pesquisa, Scherre (1988, p. 418) constata que:

A influência da variável Paralelismo formal se mostrou como uma força muito poderosa sobre os diversos fenômenos arrolados. Mostrou-se também de caráter geral, pois, além de envolver diversos fenômenos linguísticos de uma mesma língua, o Português do Brasil, envolve fenômenos de línguas diversas como o Espanhol, o Inglês, o Francês, o Quechua e o Crioulo Caboverdiano.

Desse modo, pudemos verificar a importância dessa variável tanto para esta pesquisa como para outras pesquisas sociolinguísticas, seja abordando a variante CV, como também outras variantes.

5.1.4 A influência da variável *saliência fônica* na marcação da CV

A *saliência fônica* foi considerada a quarta e última variável estatisticamente significativa para ocorrência da marcação da CV. Partimos do pressuposto de que quanto maior a diferença no material fônico, maiores serão as chances de haver

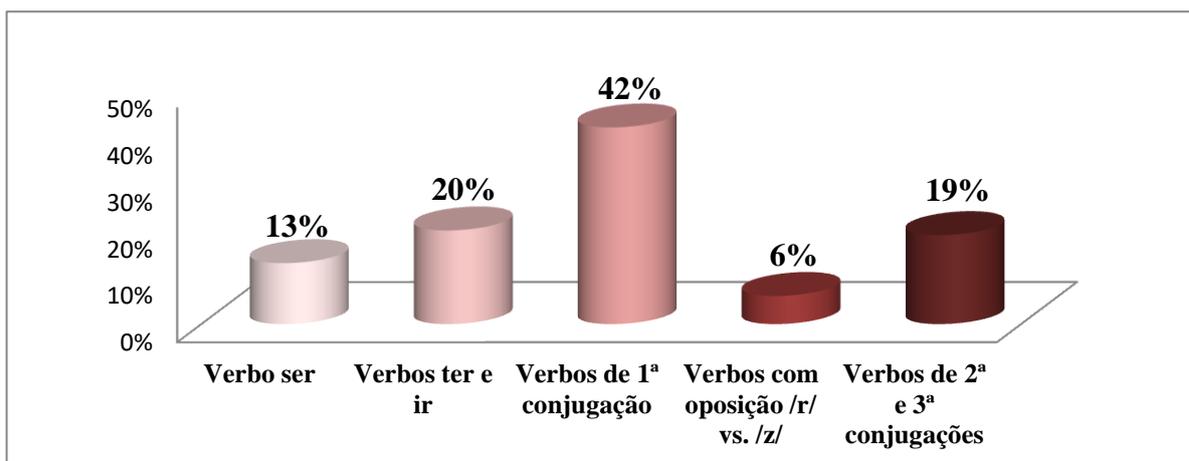
marcação da CV, à medida que a semelhança entre o material tende a favorecer a não marcação da CV.

Esse grupo encontra-se subdividido em: I – verbo *ser*; II – verbos *ter* e *ir*; III – verbos de primeira conjugação; IV – verbos com oposição /r/ vs. /z/; V – verbos de segunda e terceira conjugações. A subdivisão do grupo consiste na ideia de se fazer uma análise minuciosa de cada fator escolhido, a fim de ampliar a compreensão sobre a forma como cada um atua e influência na marcação da CV.

Cabe ressaltar que, entre os fatores mencionados anteriormente, apontamos os fatores I, II e III como mais salientes e, conseqüentemente, favorecedores para marcação da CV. Nesse sentido, os verbos *ser*, *ter* e *ir*, assim como os verbos de primeira de conjugação favoreceriam a marcação da CV por apresentarem maior diferenciação no seu material fônico; em oposição, os verbos com oposição /r/ vs. /z/ e verbos de segunda e terceira conjugações foram considerados por nós menos salientes por possuírem menor diferenciação fônica.

Abaixo, o gráfico demonstra, em termos percentuais, os resultados obtidos para cada um dos fatores:

Gráfico 5 – A influência da variável *saliência fônica* na marcação da CV



FONTE: elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se que os verbos de primeira conjugação alcançam o maior percentual (42%), seguido pelos verbos *ter* e *ir* (20%), verbos de segunda e terceira conjugações (19%), verbo *ser* (13%) e, por fim, verbos com oposição /r/ vs. /z/ (6%).

Para melhor percepção da influência desse grupo de fatores sob o fenômeno em questão, representamos os resultados obtidos com relação ao peso relativo na tabela 5:

Tabela 5 - Influência da variável *saliência fônica* na marcação da CV

SALIÊNCIA FÔNICA	Marcação da CV		
	Aplic./Total	%	PR
Verbo <i>ser</i>	784 / 832	13%	.38
Verbos <i>ter</i> e <i>ir</i>	1317 / 1340	20%	.69
Verbos de 1ª conjugação	2667 / 2785	42%	.47
Verbos com oposição /r/ vs. /z/	376 / 393	6%	.47
Verbos de 2ª e 3ª conjugações	1213 / 1276	19%	.43

FONTE: elaborada pela pesquisadora.

De acordo com os resultados, o fator apresentado como mais significativo foi o segundo grupo, composto pelos verbos *ter* e *ir* com peso relativo de (.69); para verbos de primeira conjugação e com oposição /r/ vs. /z/ obteve-se o peso relativo de (.47); os verbos de segunda e terceira conjugações apresentaram o peso relativo de (.43); e, por último, o verbo *ser* apresentando um total, em peso relativo, de (.38).

Dado o exposto, podemos afirmar que a nossa hipótese inicial de que os verbos dos grupos (I), (II), e (III) favoreceriam a marcação da CV foi, relativamente, confirmada, posto que o grupo (I), abrangendo os verbos *ter* e *ir*, se sobressaiu em relação aos demais; todavia, os grupos envolvendo os verbos de primeira conjugação e o verbo *ser*, alcançaram, respectivamente, a segunda e quinta posições, sendo apontados como menos salientes.

Vários estudos sociolinguísticos, inclusive, aqueles voltados para variação da CV, têm aplicado a saliência fônica em suas pesquisas a fim de perceber de que maneira esse grupo de fatores se faz significativa na ocorrência da variante em estudo.

Podemos mencionar, por exemplo, as pesquisas de Souza (2009), Silva (2019), Pereira (2016), Monguilhott (2001) – nestas duas últimas, a saliência é considerada a primeira estatisticamente significativa pelo programa computacional – nas quais a variável *saliência fônica* também foi a apontada como significativa no estudo da CV.

Após a observação dos resultados desta pesquisa e da semelhança com resultados de outras pesquisas voltadas para a variação da CV, constatamos que a saliência fônica exerce um papel importante na ocorrência dessa variante, possibilitando a ampliação da compreensão a respeito desse fenômeno.

5.2 Variável estatisticamente não significativa

Como já visto no subtópico 5.1 das variáveis consideradas como significativas, o *sexo* (homem/mulher) foi apontado pelo Goldvarb X (2005) como um grupo estatisticamente não significativo. Assim, o subtópico a seguir apresenta os dados percentuais representativos atribuídos a esse grupo de fatores.

5.2.1 A influência da variável *sexo* na marcação da CV

A variável *sexo* é utilizada em boa parte dos estudos sociolinguísticos com o intuito de analisar a sua influência na ocorrência de determinadas variantes. Os diferentes papéis exercidos por homens e mulheres seria uma das possíveis explicações para as suas escolhas linguísticas.

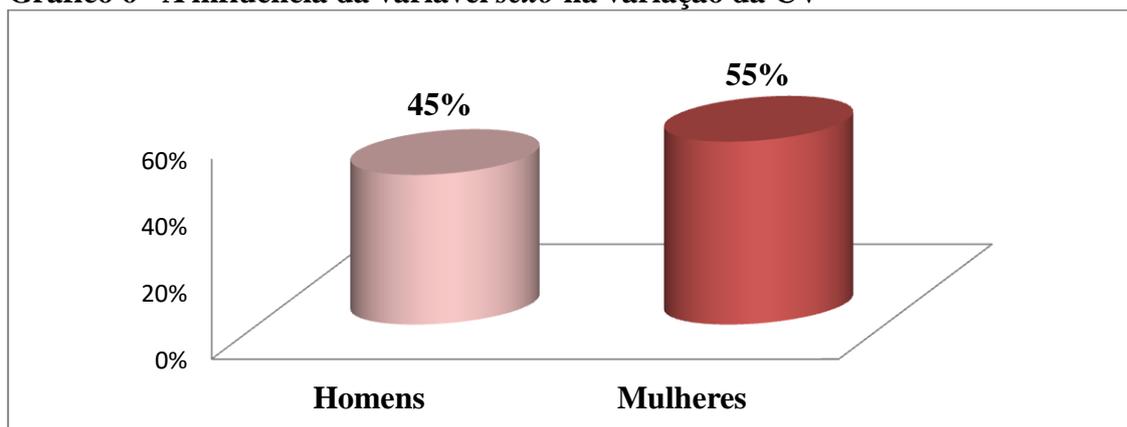
As pesquisas de Souza (2009), Oliveira (2010) indicaram que, apesar das mulheres também serem as líderes dos processos de inovações linguísticas, elas se mostram mais conservadoras da norma culta em relação aos homens.

Loriato e Peres (2013, p. 444) de acordo com os resultados de sua pesquisa, afirmam que “as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio [...] E usam menos do que os homens a variante tepe, ou seja, a variante de menor prestígio”.

Entretanto, é imprescindível considerar que as diferenças entre o papel desempenhado por homens e mulheres na sociedade tem se estreitado cada vez mais – o que acaba por interferir, diretamente, nas suas escolhas linguísticas.

Partimos do pressuposto de que as mulheres ainda se mostrariam mais conservadoras e favoreceriam significativamente a marcação da CV em relação aos homens. Contudo, os resultados obtidos divergiram da nossa hipótese:

Gráfico 6 - A influência da variável *sexo* na variação da CV



FONTE: elaborada pela autora.

O gráfico acima demonstra percentualmente os resultados para essa variável: as mulheres alcançaram o percentual de 55%, ao passo que os homens obtiveram 45%.

A tabela a seguir demonstra o a aplicação de marcas da CV como também o total de ocorrências para cada fator:

Tabela 6 – Influência da variável *sexo* na marcação da CV

SEXO	Marcação da CV	
	Aplic./Total	%
Homens	3494 / 3642	45%
Mulheres	2863 / 2984	55%

FONTE: elaborada pela pesquisadora.

Os nossos resultados são semelhantes aos resultados de outros estudos sociolinguísticos, nos quais o grupo de fatores *sexo* foi considerado pelo programa computacional como estatisticamente não significativos para ocorrência do fenômeno.

Loregian (1996, p.101), em sua pesquisa, conclui que “os resultados nos mostram que a diferença probabilística entre os falantes do sexo masculino vs. falantes do sexo feminino é praticamente inexistente”.

Salgado (2010, p. 114 e 115) verificou no seu trabalho que “a variável *sexo* foi a última a ser eliminada pelo programa estatístico [...] mas, os resultados do peso relativo da variável *sexo* apontaram que as mulheres fazem maior uso da variante marcação da concordância”.

Em sua pesquisa, Benfica (2016, p. 69) detectou que “não houve significância estatística para a variável gênero/*sexo*. Homens e mulheres de Vitória apresentam resultados muito similares de concordância”.

A respeito dessa variável, Oushiro (2015, p. 164), através dos resultados do seu estudo voltado para interação entre *sexo/gênero* e a classe social na variação da CV, assegura que “a recorrente constatação de favorecimento de formas consideradas “padrão” ou “de prestígio” por parte das mulheres em diversos estudos sociolinguísticos [...] muitas vezes esconde um encaixamento social mais complexo de variáveis sociolinguísticas”.

Portanto, é uma variável complexa que requer um olhar cuidadoso, pois pode estar associada a diversos fatores, sendo eles determinantes para suas escolhas linguísticas em diferentes contextos comunicacionais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi motivada pela busca da sistematização da variação da concordância verbal no português falado na cidade de Cachoeirinha – PE. Nossa hipótese inicial era de que os informantes da comunidade em estudo favoreceriam a marcação da CV.

Obtivemos um total de 6626 ocorrências do fenômeno linguístico estudado; destas, 6357 (equivalentes a 96%) apresentaram marcas da CV, ao passo que 269 (equivalentes a 4%) não apresentaram marcação da CV. Assim, os resultados indicaram que a marcação da CV é recorrente na fala de cachoeirinhenses.

Para fins de análise, selecionamos duas variáveis linguísticas: o paralelismo formal e a saliência fônica; e três variáveis extralinguísticas: o sexo, a escolaridade e a faixa etária. Apresentamos os resultados de cada variável separadamente e por ordem de significância: **escolaridade** – o Goldvarb X (2005) considerou esse grupo como o primeiro estatisticamente mais significativo. Os resultados confirmaram apontaram que falantes com maior nível de escolaridade favorecem a marcação da CV em comparação aos falantes com menor grau de escolaridade.

Para **faixa etária**, os resultados demonstraram que informantes dos grupos I e II tendem a favorecer a marcação da CV, enquanto os informantes do grupo III favorecem a não marcação da CV. O grupo **paralelismo formal** foi considerado o terceiro estatisticamente mais significativo pelo programa computacional; constatamos que ocorrências isoladas favorecem a marcação da CV. A **saliência fônica** foi considerada a última estatisticamente significativa; os resultados apontaram apenas o grupo dos verbos *ter* e *ir* como favorecedor de ocorrências com marcas da CV.

O sexo foi o único considerado estatisticamente não significativo pelo Goldvarb X (2005). Acreditávamos que as mulheres favoreceriam a marcação da CV, ao passo que



os homens favoreceriam a não marcação da CV. No entanto, a diferença percentual foi de 10%, sendo 55% para as mulheres e 45% para os homens.

Nesse sentido, compartilhamos do mesmo pensamento de Scherre (2005, p. 140) ao dizer que “a gramática normativa, por mais revisada, atualizada e ampliada que seja, nem representa e nem tem condições de representar a complexa rede linguística de uma comunidade de fala”. Dado o exposto, ratificamos a importância de estudos sociolinguísticos envolvendo fenômenos linguísticos, principalmente, aqueles que são expostos a estereótipos e estigma social.

Convém ressaltar que, apesar da descrição dos resultados obtidos, contribuindo para a sistematização do português falado em Cachoeirinha, esta pesquisa poderá ser ampliada através de um estudo comparativo no qual se observe a língua falada e a escrita, a fim de se compreender de que maneira se dá a variação entre essas duas modalidades.

Acreditamos, portanto, que esta pesquisa possibilitou uma melhor compreensão acerca da variação da CV na comunidade de fala cachoeirinhense, bem como esperamos que a partir dos resultados apresentados promovam-se discussões, principalmente, relacionadas ao ambiente escolar, sobre a abordagem da CV.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ARAUJO, S. S. de F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.



- BENFICA, S. de A. **A concordância verbal na fala de Vitória**. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. **Alfa**, São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3937>> Acesso em 20 de fev. de 2019.
- CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMACHO, R. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf> Acesso em 20 de fev. de 2019.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FARIA, N. V. M. de. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação, gramaticalização e mudança**. 2007. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas&Letras**, Paraná, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2º sem. 2005. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/%20linguaseletras/article/view/875>> Acesso em 24 de abr. de 2019.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. (1972). **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- LORIATO, S; PERES, E. P. Gênero e a realização do/r/em uma situação de contato linguístico. **Entretextos**, v. 13, n. 2, p.441-436, 2013.



LUCCHESI, D. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 52, p. 166-204, ago.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15467>> Acesso em 14 de jan. de 2019.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/%20article/view/52637>> Acesso em: 20 de fev. de 2019.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. Cap. 14, p. 331-371.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MONGUILHOTT, I. de O. E. S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.

NARO, A. J. **The social and structural dimensions of a syntactic change**. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

NETO, P. C.; INFANTE, U. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

NICOLAU, E. M. das D. **A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.

OLIVEIRA, F. A. de L. A variação, na apódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

OUSHIRO, L. Interação entre Sexo/Gênero e classe social no uso variável da concordância verbal, p. 151-168. In: Freitag, Raquel MeisterKo.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Inguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

PEREIRA, M. L. de S. **Por que eles não concorda? Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza** – CE. 2016. 176 f.



Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas Trilhas das Bandeiras Paulistas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

RODRIGUES, D. de A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Linguística do Instituto de Estudos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SALGADO, S. S. **A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola muquém – AL: estudo sócio-histórico linguístico**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística; Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, D. N de. **A concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas**. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SANTOS, R. L. de A. **A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió**. 2013. 138 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SANTOS, R. L. de A. A escolaridade e a variação de concordância verbal na língua usada por menores carentes de Maceió. **Letras&Letras**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 86-110, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30383>> Acesso em 3 de fev. de 2019.

SANTOS; R. L. de A. Concordância verbal e suas variáveis. **Interdisciplinar**, Sergipe, v. 14, jul.-dez, p. 101-110, jul.-dez. 2011. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/%20interdisciplinar/article/view/1069/907>> Acesso em 3 de fev. de 2019.

SANTOS; R. L. de A. Concordância verbal, variação e ensino. **Leitura**, v. 1, n. 47, p. 255-267, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/912>> Acesso em 3 de fev. de out de 2019.



SAUSSURE, F. de (1916). **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul.-dez. 1998. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293>> Acesso em 15 de jan. de 2019.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Fluxo e contrafluxos: movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., e RIBEIRO, S., org. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 239-248.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12597>> Acesso em 15 de jan. de 2019.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. (G. Ruffino, Ed.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Attidel XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di Studio Filologici e Linguistici Siciliani, Universitàdi Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação da concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SILVA, J. da. **A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú**. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUZA, C. M. B. de. **A concordância verbal na fala de salvador: duas realidades sociolinguísticas**. 2009. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. Série Princípios. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TEIXEIRA, S. C. C. A concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 251-275, jan.-jul. 2013. Disponível em:

<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/articule/view/124>> Acesso em 12 de fev. de 2019.

Recebido Para Publicação em 23 de março de 2020.
Aprovado Para Publicação em 13 de maio de 2020.